



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCISCA UENIA ARANHA GOMES

**A VIAGEM NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *A casa da madrinha*, de
Lygia Bojunga Nunes**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
Junho/2019**

FRANCISCA UENIA ARANHA GOMES

**A VIAGEM NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *A casa da madrinha*, de
Lygia Bojunga Nunes**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Vaneide Lima
Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB
Junho/2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633v Gomes, Francisca Uenia Aranha.
A viagem na literatura infantil: leitura de *A casa da madrinha, de Lygia Bojunga Nunes*. [manuscrito] / Francisca Uenia Aranha Gomes. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Narrativa. 2. Lygia Bojunga Nunes. 3. Identidade. 4.
Viagem. I. Título
21. ed. CDD 808.068

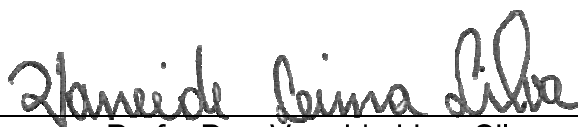
FRANCISCA UENIA ARANHA GOMES

**A VIAGEM NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *A casa da madrinha*, de
Lygia Bojunga Nunes**

Artigo de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba/Campus IV, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Língua Portuguesa.

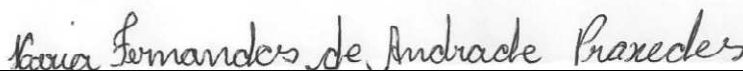
Área de concentração: Literatura infanto-
juvenil

APROVADO EM: 19 de junho de 2019.



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CÂMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinadora - UEPB/CÂMPUS IV



Profa. Ma. Aldenice Barbosa dos Santos

Examinadora Externa

Dedico este trabalho a Deus, ser digno de toda honra e glória. A minha rainha, minha mãe, Régia, que tanto batalhou para essa conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho e por nunca ter me deixado fracassar durante o caminho.

A minha mãe Régia, mulher forte e batalhadora, minha maior razão de viver, minha incentivadora para a conquista da tão sonhada graduação. Nunca esquecerei todo o esforço que a senhora teve que fazer para que eu conseguisse chegar até aqui.

Ao meu amigo-irmão, Aldemir, por todo companheirismo e dedicação. Por estar ao meu lado, me ajudando durante toda essa jornada. A você meu amigo, meu muito obrigado por todo ânimo, apoio e por sua irmandade.

Ao amigo Almir, por toda a ajuda, por se dispor ficar em meu lugar no emprego para que eu pudesse ir em busca de conhecimento. Ao amigo Neto, por todo o incentivo e por toda ajuda.

Ao meu namorado Abraão, que com muito amor e companheirismo esteve sempre presente me apoiando. Obrigado por sempre acreditar que eu sou capaz. Te amo! Que Deus continue sempre a nos abençoar.

Aos professores que me fizeram ter acesso aos conhecimentos adquiridos. Obrigada por todo carinho e paciência. Os senhores foram fundamentais para a minha formação acadêmica.

A minha orientadora, Vaneide Lima Silva, por toda sua dedicação e amor. Obrigada por todos os ensinamentos e por não medir esforços em me ajudar na realização desse trabalho. És muito especial para mim.

Aos colegas de curso, por toda convivência e por todos os momentos que estivemos juntos durante a graduação. Muito obrigada. Que Deus abençoe a todos que estiveram ao meu lado durante a jornada.

“A viagem não começa quando se percorrem distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores.”

(Mia Couto)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	SOBRE A LITERATURA INFANTIL: algumas considerações necessárias.....	11
2.1	O imaginário na obra de Lygia Bojunga Nunes.....	14
2.1.1	O tema da viagem na literatura infantil.....	16
2.1.2	A VIAGEM DE ALEXANDRE EM BUSCA DA CASA DA MADRINHA: os sentidos da viagem na narrativa de Lygia Bojunga Nunes.....	18
2.1.2.1	O enredo da obra.....	18
2.2	Identificação e Caracterização de Alexandre.....	21
2.3	A importância dos laços de amizade no crescimento do personagem.....	22
2.4	O papel da escola na formação de Alexandre.....	23
2.5	Os sentidos da viagem na construção da identidade do personagem.....	25
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	28

A VIAGEM NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes

Francisca Uenia Aranha Gomes*
Vaneide Lima Silva*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise da narrativa *A casa da madrinha* (1978), de Lygia Bojunga Nunes, procurando identificar o sentido que a viagem assume no enredo protagonizado por Alexandre, personagem principal e, conseqüentemente, verificar como se dá a construção do personagem, sem deixar de atentar para a caracterização dos demais personagens da obra. Alexandre vive algumas aventuras nesta narrativa e a amizade passa a ser uma das experiências que marca a construção da sua identidade ao longo do enredo. Sendo assim, a análise procura verificar ainda de que maneira a viagem vivenciada pelo personagem colabora para o seu amadurecimento. De um modo geral, trata-se de um trabalho de crítica literária que se fundamenta na pesquisa bibliográfica, pois busca apoio em estudos como os de Cunha (1986), Turchi (2002), Aguiar (2001), dentre outros. A análise demonstrou que Alexandre passou por uma mudança em relação a sua personalidade. Todas as experiências vividas por ele favoreceram o seu amadurecimento, tornando-o forte e determinado, assumindo, conseqüentemente, uma postura independente, diferente do que o menino se mostrava ser antes, no início da narrativa.

Palavras-chave: Narrativa. Lygia Bojunga Nunes. Identidade. Viagem.

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.

E-mail: ueninhaagomes@hotmail.com

* Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV. E-mail: vaneidel.professora@gmail.com

THE JOURNEY IN CHILDREN'S LITERATURE: Reading of Lygia Bojunga Nunes's House of Godmother

ABSTRACT

The present article aims to analyze Lygia Bojunga Nunes' *The House of Godmother* (1978), trying to identify the meaning that the journey takes on the story of Alexandre, main character and, consequently, to verify how the construction of the character, without neglecting to the characterization of the other characters of the work. Alexandre lives some adventures in this narrative and the friendship happens to be one of the experiences that mark the construction of its identity along the plot. Thus, the analysis also seeks to verify how the journey experienced by the character contributes to its maturation. In general, it is a work of literary criticism that is based on bibliographical research, as it seeks support in studies such as Cunha (1986), Turchi (2002), Aguiar (2001), among others. The analysis showed that Alexander underwent a change in relation to his personality. All his experiences favored his maturation, making him strong and determined, and consequently assuming an independent posture, different from what the boy showed himself to be before, at the beginning of the narrative

Keywords: Narrative. Lygia Bojunga Nunes. Identity. Journey.

1 INTRODUÇÃO

A narrativa *A casa da Madrinha*^{*}, de Lygia Bojunga Nunes, publicada no ano de 1978, conta a história de Alexandre, um menino pobre que mora em uma favela do Rio de Janeiro que sai em uma viagem em busca da casa da madrinha. No meio do caminho, Alexandre conhece alguns companheiros – O Pavão e a Vera, com quem vive muitas aventuras. De um modo geral, a viagem de Alexandre é motivada pela curiosidade em conhecer a fantástica casa da madrinha, da qual ouviu falar através do seu irmão Augusto.

Trata-se de uma obra cujo enredo configura-se como não-linear, uma vez que alguns fatos são narrados em forma de flashback. Rica em retrospectivas, *A casa da madrinha* nos conta um pouco das aventuras de cada personagem que o menino Alexandre encontra no caminho. Com uma linguagem simples e rica em diálogos, a obra destaca-se por tratar de temáticas sociais, sem deixar de fazer uso da fantasia inerente à infância.

Neste trabalho, que do ponto de vista metodológico, se caracteriza por ser de caráter bibliográfico, nos centramos na análise da obra *A casa da madrinha*, procurando destacar os sentidos que a viagem assume no decorrer do enredo, buscando entender, assim, as diversas motivações que levaram o menino Alexandre a seguir destino. Por fim, discutiremos de que maneira as experiências vivenciadas por Alexandre no decorrer do caminho contribuíram para a formação de sua identidade.

O trabalho está organizado da seguinte forma: No tópico primeiro, apresentamos algumas considerações teóricas sobre a literatura infantil. Fazemos também uma rápida apresentação da literatura de Lygia Bojunga Nunes, destacando as peculiaridades de suas obras, dentre as quais predominam a presença do imaginário e da fantasia. Em um segundo momento deste tópico, procuramos trazer algumas considerações teóricas sobre o tema da viagem no âmbito da literatura, mais especificamente da Literatura Infantil.

No tópico dois, apontamos os sentidos da viagem de Alexandre em busca da casa da madrinha, apresentamos o enredo da obra e analisamos a importância da

* Para a leitura, análise e realização deste trabalho utilizamos a edição de 2002.

amizade e o papel da escola no crescimento e formação de Alexandre, procurando identificar e caracterizar o personagem.

Uma vez que Lygia Bojunga Nunes demonstra compromisso na criação de uma obra que trata assuntos voltados para o público infanto-juvenil, acreditamos que este trabalho amplie a discussão em torno de sua obra e contribua para o debate em torno dos problemas sociais presentes em seus livros. Esperamos, sobretudo, que a leitura de suas narrativas ocupe os espaços da sala de aula, melhorando, assim, a história de leitura de crianças e adolescentes.

2 SOBRE A LITERATURA INFANTIL: algumas considerações necessárias

A Literatura infantil pode ser definida de um modo geral, como um tipo de produção literária destinada ao público infantil. Sua existência teve início junto com o surgimento da Burguesia na Europa durante o início do século XVIII. Nessa época, a educação das crianças passou a ser vista com necessidades diferentes em relação a dos adultos. Foi a partir disso que surgiu a necessidade de educá-las a fim de prepará-las para a vida adulta. Sobre isso, Zilbermam (*apud* Cunha 1986, p. 19) afirma:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle de desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão.

Nos respaldando nessa afirmação, percebemos que a partir do novo modelo familiar burguês, no qual a criança passou a ser vista como um ser social, atuante na sociedade, as instituições dedicadas ao ensino destas passaram por transformações, uma vez que adquiriram o papel de formação intelectual e social. Com isso, coube às escolas a função de formar crianças. Sendo assim, a literatura infantil passou a ser compreendida como uma literatura com caráter até então de cunho pedagógico.

A respeito desse caráter pedagógico, Turchi (2002, p.23) afirma que:

Se, por um lado, a escola é um espaço privilegiado de promoção da leitura e um estímulo ao mercado editorial, por outro lado, a ligação com a escola pode comprometer, muitas vezes, a qualidade literária da obra, que passa a justificar por propósitos pedagógicos e interesses comerciais.

A partir dessa afirmação, é possível perceber que o ensino de literatura infantil ofertado nas escolas é desenvolvido com finalidades de cunho pedagógicos, ou seja, as obras literárias são trabalhadas apenas para atividades didáticas. Por

consequência disso, Turchi (2002) ainda destaca que as práticas desse tipo de ensino pode ter resultados insatisfatórios na formação do aluno leitor.

A literatura destinada ao público infantil era feita com caráter pedagógico, uma vez que, como afirma Cunha (1986, p.19), “Suas intenções eram fundamentalmente formativas e informativas, até enciclopédicas.” Desse modo, os livros infantis da época foram escritos com o intuito de atender as necessidades pedagógicas, a fim de alfabetizar e formar as crianças de acordo com as imposições sócias da época.

Ainda de acordo com Cunha (1986, p.20), observa-se que:

No caminho percorrido, à procura de uma literatura para a infância e juventude, observaram-se duas tendências próximas daquelas que informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas – até então não voltados especificamente para a criança.

A autora ressalta ainda que as crianças da época tinham acesso a literaturas diferentes. Essa distinção era feita a partir de suas condições financeiras. As crianças de origem nobre debruçavam-se em leituras de grandes clássicos; já as de classes consideradas inferiores, ouviam e liam histórias de cavalarias.

Como não poderia ser diferente, no Brasil, as obras de literatura infantil surgiram, até então, para serem trabalhadas com fins pedagógicos. De acordo com Cunha (1986, p. 21), “Poderíamos dizer que se observam tendências claras nesse tipo de produção: a do realismo; a da fantasia como caminho para o questionamento de problemas sociais; a do reaproveitamento do folclore; a da exploração de fatos históricos.” Apesar de servir como modelo, nem sempre o pedagogismo atuou como tendência na produção de obras literárias infantis.

Com o passar do tempo, esse tipo de literatura foi se expandindo e com ela aparecendo novas propostas de produção. Na tentativa de adequar a literatura ao público infantil, surgiu à necessidade em alguns autores de romper com o pedagogismo e adentrar no mundo da ficção, do imaginário. Esse novo modo de se “fazer” literatura, possibilitou que as produções literárias infantis se expandissem e fossem desenvolvidas através de recursos que agradasse leitores do universo infantil.

A esse respeito, Aguiar (2001, p. 78) afirma que “a presença de elementos mágicos e o recurso à fantasia tem sido procedimentos recorrentes na literatura infantil para conquistar o leitor”. Desse modo, os textos destinados aos leitores mirins devem conter em seu enredo histórias fantasiosas, cheias de encantos e ilustrações, além de situações dramáticas, compostas de aventuras e ficção, capaz de permitir que a criança ao ter contato com textos assim adentre no mundo da imaginação.

Reiterando a importância do imaginário e justificando sua presença na Literatura Infantil, Turchi (2002, p. 25) declara que:

As obras pertencentes ao patrimônio das narrativas universais continuam atraindo os leitores, justamente pela força do imaginário ali contido, capaz de colocar em movimento um dinamismo de imagens com as quais os sujeitos interagem profundamente, modificando o próprio cotidiano.

De acordo com a autora, o predomínio da imaginação e da fantasia desperta o interesse de leitores por essas obras. Através desses recursos, os textos de literatura infantil são escritos com o objetivo de proporcionar ao leitor a prática e o desenvolvimento de suas habilidades de leitura. As obras de literatura infantil, quando bem produzidas, tem a finalidade de provocar na criança uma reflexão sobre temáticas abordadas no decorrer texto, além de permitir que o leitor seja capaz de viajar no universo fictício da obra. Com relação a isso, Cunha (1986, p. 23) explica que:

A literatura enquanto manifestação artística não é traição: apesar de ser sempre o adulto a falar à criança, se ele for realmente artista, seu discurso abrirá horizontes, proporá reflexão e recriação, estabelecerá a divergência e não a convergência.

Quando trabalhada de forma divergente, a literatura permite acontecer, conforme se verifica na citação anterior, uma abertura para novas interpretações ao texto, permitindo, assim, instigar a imaginação do leitor. Com relação a imaginação, Jesualdo (*apud* Aguiar, 2001, p.83) afirma que:

A imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é através dela que sua consciência elabora, num primeiro momento, os dados da realidade circundante: imaginando, o leitor forma novas combinações, joga com objetos e pessoas, faz transferências de

características, cria situações e explica o mundo ao saber de sua mente fantasiosa.

Diante dessa afirmação, torna-se claro que a imaginação é de grande relevância no desenvolvimento das capacidades de interpretação das crianças, pois é através da imaginação que é possível estimular a criatividade. As obras de caráter infantil devem trazer consigo histórias empolgantes, de narrativas curtas, cheias de aventuras e fantasias. Assim, Turchi (2002, p. 25), destaca que “o grande desafio da literatura infantil é movimentar o imaginário na sua maior potência e, ao mesmo tempo, lidar com o limite do discurso [...]”

A autora destaca que um escritor de obras literárias infantis ao escrever suas histórias passa pelo desafio de reproduzir suas experiências, uma vez que o mesmo deve suprir as expectativas de uma criança. Ainda segundo a autora, as histórias possibilitam “conciliar a contradição de ser ele mesmo e de ser o outro que ele já foi”. Dessa forma, os autores tem o desafio de viajar no mundo da ficção, escrever em seus textos temas que agradem as crianças. Enfim, os escritores devem trazer em seu contexto de produção o lúdico e o fantástico com a finalidade de abordar temáticas de interesse do leitor em formação.

As reflexões em torno da literatura infantil nos permitem afirmar que as obras produzidas para o público infantil contribuem para o desenvolvimento das capacidades críticas e intelectuais das crianças. Uma vez trabalhada de maneira a incitar na criança à abertura para novos horizontes, a literatura deve ser considerada de caráter humanizadora. Sendo vista a partir de sua literariedade, as obras literárias de caráter infantil despertam no leitor emoções que permitem vivenciá-las através da imaginação.

2.1 O imaginário na obra de Lygia Bojunga Nunes

Considerado um dos principais nomes da literatura infantil brasileira, Lygia Bojunga Nunes traz em suas obras uma maneira diferente de narrar histórias. Sua literatura destaca-se pelo fato de Bojunga discutir temas sociais direcionados a leitores infantis sem perder sua qualidade literária, conforme declara Souza e Giroto (2010, p. 189):

A partir do tema principal, a própria infância, Lygia constrói uma narrativa impregnada de riquíssima fantasia, que tem por base elementos tomados do real, para discutir os comportamentos sociais frutos da ideologia dominante sem, no entanto, deixar de lado sua função lúdica.

Diante dessa afirmação, podemos compreender que Bojunga traz em sua literatura a intenção de escrever para crianças como também sobre elas. Através disso, a autora destaca-se por abordar em seus livros temáticas presentes na sociedade, trazendo consigo a capacidade de tratá-las de maneira fantástica.

Desse modo, o real e o imaginário se encontram nas obras de Bojunga. A utilização de elementos como a fantasia, o imaginário e a linguagem coloquial faz com que a autora aproxime a criança de assuntos sociais do cotidiano sem perder a sensibilidade diante do público infantil.

Tal literatura tende a despertar a interação entre o leitor e o texto, funcionando, assim, como um meio de cultivo da imaginação das crianças. Vale salientar, que a fantasia marca a experiência infantil e o contato com o imaginário, através de obras lúdicas como as de Lygia Bojunga, favorece a criatividade dos leitores em formação.

A respeito desse aspecto, observemos o que afirma Held (1980, p.46):

Pensamos que a imaginação de uma criança deve ser alimentada, que existe – com a condição de que não se estabeleçam receitas – uma pedagogia do imaginário, que tal pedagogia está a caminho [...] Seria preciso apenas desenvolvê-la.

Nos respaldando nessa afirmação, podemos dizer que a literatura infantil pode cooperar para o cultivo da imaginação nas crianças, uma vez que através de uma obra produzida com uma linguagem apropriada, ou seja, rica em recursos simbólicos, personagens e fantasia, proporciona ao leitor a experiência de interpretar histórias, bem como vivenciar situações do cotidiano, conforme sugerem Sandroni & Machado (1998, p.15): “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”.

Classificada como transgressora, Bojunga destaca-se por escrever uma literatura diferenciada, uma vez que sua produção literária ultrapassa o objetivo apenas de entreter a criança. Sobre isso, Souza e Giroto (2010, p. 191) destacam:

[...] a função lúdica aliada à postura questionadora dos valores e comportamentos sociais que definem o artista como transgressor. A obra de Bojunga situa-se entre as que melhor evidenciam essa concepção inovadora: a de uma literatura para crianças e jovens suficientemente amadurecida, na qual valores estéticos preponderam.

Com relação a isso, pode afirmar que as obras literárias de Bojunga evidenciam um caráter transformador de produção. A autora supracitada consagra a sua obra quando traz em seu contexto de produção uma consistência lúdica, com o predomínio de fatores estéticos que permitem uma maior interação entre o texto e o leitor.

Ainda tomando como apoio o estudo de Souza e Giroto (2010, p. 194), nos chama atenção ainda a seguinte afirmação:

A facilidade de Lygia Bojunga em dialogar diretamente com o imaginário infantil torna-se evidente. Além do mais, ela respeita a perspectiva do leitor, estimula o interesse e, desse modo, a leitura age como trampolim para o autoconhecimento, de modo impulsionador para um amadurecimento intelectual, ajudando no desenvolvimento e na evolução psíquica da criança.

De acordo com os autores, a leitura das obras literárias de Bojunga permite que o leitor desenvolva a capacidade de refletir sobre diferentes assuntos presentes no cotidiano da criança. Além disso, estimula o desenvolvimento psíquico da criança uma vez que através de suas obras, a autora impulsiona a criança à construção de sua própria identidade já que suas narrativas dão espaço à criança a adequar-se em seus mundos: o exterior e o interior.

2.1.1 O tema da viagem na literatura infantil

Viajar, no sentido geral, nos permite praticar a ação de deslocarmos de um determinado lugar e irmos para outro. A viagem é um tema que vem sendo discutido desde a antiguidade, quando era debatido por historiadores apenas como fonte de relatos. No âmbito da literatura, os primeiros textos escritos surgiram desde a antiguidade clássica a partir das viagens de expansão marítima narradas em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, por exemplo. Em sua maioria, os textos vinham escritos em formas diversas como: cartas, relatos, diários etc.

Os relatos presentes nas obras dessa época podem ser considerados com um aspecto peculiar. Com caráter informativo, esses relatos registram a saga dos viajantes que se deslocam em busca de novas terras. À medida que se modifica o contexto histórico e as intenções de produção, os textos passam por modificações tanto em forma quanto em conteúdo.

Na literatura contemporânea, a viagem aparece com uma concepção diferente. Sobre isso, observemos o que pensa Cunha (2012, p.155):

A compulsão de textos mais recentes deixa perceber que um dos traços caracterizadores da literatura de viagens contemporânea se relaciona com o cunho autobiográfico que o narrador-viajante empresta ao relato, na medida em que a exibição da sua experiência vivencial e subjetiva imprime um caráter particular ao récit. Por conseguinte, o eu que conduz a narrativa assume um papel de primeiro plano, já que a sua função não se reduz a de informar, mas é a própria experiência que motiva o ato da escrita.

Depreendemos dessa afirmação que a leitura de textos contemporâneos que abordam a viagem como tema constitui relatos que trazem em suas narrativas relatos de experiência vivenciada pelo personagem-viajante. Ou seja, esses textos são caracterizados pela subjetividade, uma vez que o narrador se ausenta da função de apenas informar sobre a viagem e passa a descrever sobre suas experiências próprias vividas no decorrer da narrativa, sejam elas ficcionais ou não.

Nas narrativas contemporâneas, a viagem tematiza grandes obras literárias. No espaço da literatura infantil o tema foi explorado por muitos escritores como Ana Maria Machado em *Bem do seu tamanho* (1980), por exemplo, e Lygia Bojunga Nunes em *A casa da madrinha* (1978), como afirma Rodrigues (2009, p. 86): “Nelas, praticamente todos os protagonistas empreendem uma viagem – imaginária ou real [...]”.

Partindo dessa afirmação, podemos dizer que as narrativas abordam a viagem tanto em um plano real quanto imaginário. Ambas as autoras nos remetem em seus enredos a viagem como uma aventura marcada pelo desejo de busca por algo ou algum lugar. As narrativas que trazem uma viagem imaginária em sua história são ricas em fantasia, pois permitem que o leitor, a partir da leitura dessas obras, possa por um momento afastar-se do mundo real e “viajar” a um mundo fantástico, o mundo da imaginação.

Algumas viagens surgem em narrativas a partir da necessidade que o personagem tem de abandonar o lugar em que vive pela necessidade de fugir de si mesmo ou de problemas que o cerca. Em outras, a viagem surge na perspectiva da autodescoberta, da necessidade de descobrir-se a partir do seu interior.

Muitas são as motivações que levam os autores a escrever sobre a viagem. A verdade é que essas obras, em geral, possibilitam que o leitor interaja, independente para qual finalidade ela é escrita. O fato é que elas provocam uma identificação entre as experiências vivenciadas pelos personagens e as do próprio leitor, possibilitando, assim, a ampliação do seu horizonte de expectativa.

2.1.2 A VIAGEM DE ALEXANDRE EM BUSCA DA CASA DA MADRINHA: os sentidos da viagem na narrativa de Lygia Bojunga Nunes

2.1.2.1 O enredo da obra

A casa da madrinha, de Lygia Bojunga Nunes, narra história de um menino chamado Alexandre, que resolve iniciar uma viagem para encontrar a casa da sua madrinha. Desse modo, o enredo se desenvolve em torno das aventuras vivenciadas pelo personagem no decorrer do caminho.

No decorrer da narrativa, Alexandre descreve que mora em um barraco, em cima de um morro de uma favela na cidade de Copacabana e que com ele moram a sua mãe e seus quatro irmãos, dentre eles, duas irmãs que trabalham como empregada doméstica, um irmão mais velho, que foi hospitalizado e outro chamado Augusto. Além dos irmãos e da mãe, Alexandre conta que ele também tem um pai alcoólatra e que “só vive caído no chão” (NUNES, 2002, p.40).

Diante da sua condição social, Alexandre viu-se obrigado a abandonar os estudos que tanto gostava para trabalhar, a fim de ajudar nas despesas de sua casa. E foi a partir daí que o menino passou a vender alimentos na praia: primeiro, foi vender sorvete, mas depois passa para amendoim, que era mais pesado, mas pagava mais.

À noite, antes de dormir, Augusto costumava inventar uma porção de histórias para Alexandre se distrair e dormir, após um longo dia de trabalho. Uma noite, Augusto contou uma história que deixou o irmão muito interessado, contando-lhe que ele tinha uma madrinha e que a mesma morava “Lá pro interior, bem pra dentro

do Brasil” (NUNES, 2002, p.47). Contou ainda que ela tinha uma casa grande, com várias características: tratava-se de uma casa pequena, de cor branca que possuía quatro janelas e que tinha vista para o mar. À medida em que Augusto descrevia, o seu irmão ficava mais entusiasmado em conhecer a casa, e é a partir daí que Alexandre passa a viver grandes aventuras e construir laços de amizade.

Disposto a conhecer a tão sonhada casa da madrinha, Alexandre resolve partir sozinho. No caminho da sua aventura, decide parar para um descanso e é nesse momento que ele conhece quem até então seria seu companheiro nessa viagem, o Pavão: “Eu fiquei bobo. Já tinha visto muita coisa bonita [...] Mas uma coisa bonita assim com tanta cor e tão rico feito o pavão eu nunca tinha visto, nunca!”. (NUNES, 2002, p. 21-22)

O pavão conhece a gata da capa após ser vendido a uma família que tinha como intuito adquiri-lo afim de o pavão embelezar o jardim da mansão deles:

O pavão passeava no gramado o dia inteiro. Bem devagar. Lindo! Só ele. E o pastor alemão preso na corrente. Quando o pavão ia chegando perto, o Pastor desatava a latir [...] Um empregado trazia água e comida pros dois; depois sumia. A família ia viajar, sumia. O muro bem alto. Mais nada. Ninguém. (NUNES, 2002, p.76)

Encantado com a Gata da Capa, o Pavão e ela travam uma conversa sem fim. Ela conta todas as suas histórias ao Pavão até que no meio da conversa eles são surpreendidos: A casa em que o pavão morava foi vendida e se tornará um edifício. Com tudo isso, o Pavão foi retirado da casa às pressas, e conseqüentemente separado da Gata da capa.

Em meio a tudo isso, o Pavão foge de seus donos e resolve partir em busca da Gata da Capa. Com destinos e propósitos diferentes, Alexandre e o Pavão seguem o caminho juntos. É nesse momento da narrativa que os dois personagens resolvem fazer shows pelo interior afim de arrecadar dinheiro e seguirem sua jornada.

Passados uns dias de sua estadia na casa de Vera, personagem que eles conhecem no meio da plateia, Alexandre foi vítima de preconceito e foi convidado a retirar-se da casa pelos pais da menina.

Vera ficou pensando o que ia dizer. Os pais tinham resolvido que estava na hora de Alexandre e o Pavão irem embora: já tinham dado comida pra eles, já tinham deixado eles ficarem um dia e uma noite no sítio. Deram um dinheiro pra Vera: 'toma, minha filha, dá pro Alexandre. Com esse dinheiro ele pode comprar comida uns dois ou três dias. 'Vera empurrou o dinheiro mais pro fundo do bolso; estava com vontade de tudo, menos de dizer pra Alexandre ir embora. (NUNES, 2002, p. 57)

Chegada a hora de partir, Alexandre resolve se despedir de Vera e seguir até o seu destino final. No momento em que ia embora, Alexandre é surpreendido por Vera ao convidá-lo para fazer um passeio a cavalo. A partir daí, Vera cria um cavalo e passou a chama-lo de AH! E assim, inicia uma viagem junto com Alexandre e o Pavão em um plano imaginário até a casa da madrinha.

No caminho, Alexandre, Vera e o Pavão tiveram que lidar com o medo, que naquele momento, era o principal adversário deles. Em um determinado momento, Vera usou sua imaginação e começou a desenhar no chão com um pedaço de giz que tinha em seu bolso. E foi a partir daí que a escuridão já não tomava mais conta daquele lugar. Com tanta imaginação os dois desenhavam o que vinha na cabeça, fizeram flor, rio, e até o rosto estranho que eles imaginavam ser do medo.

Foi a partir dos seus desenhos que eles encontraram o caminho até a casa da madrinha. Alexandre usou a imaginação e desenhou uma porta com fechadura e junto com ela uma chave. Como se fosse um passe de mágica, ela surgiu. Logo, Vera abriu a porta e do outro lado tinha um lindo caminho pelo qual eles começaram a seguir. E ao fim desse caminho lá estava a tão sonhada casa da madrinha. O medo foi deixado de lado e em Alexandre, Vera e o Pavão o único sentimento que prevalecia era a felicidade.

Na casa da madrinha, tudo era como ele sempre sonhou. Lá também reapareceu a gata da capa, o Augusto e também o cavalo Ah! Juntos, lá na casa eles brincaram, passearam, se divertiram, descobriram mais coisas sobre a casa da madrinha até que Alexandre sentiu falta das histórias de seu irmão Augusto e pediu para que ele os contasse uma de suas histórias. E assim ele contou uma, duas e inventava mais outra até todos começarem a dormir.

Ao seguir todo o caminho de volta, Alexandre, Vera e toda a turma chegaram ao sítio do pai de Vera e logo perceberam que algo estranho acontecia novamente, era o cavalo Ah que estava desaparecendo e junto com ele, sumia também Augusto

e a Gata da capa. Após perceber que eles não estavam presentes naquele lugar, não deu em outra, Alexandre resolve voltar e buscar Augusto e a gata da capa. Antes de partir, Alexandre anotou o endereço de sua amiga e o guardou dentro de sua mala. No momento em que mexia em sua mala ele encontra uma flor e dentro dela a chave da casa e ao vê-la logo se lembrou do que seu irmão Augusto falou:

Ele disse que no dia que eu botasse a chave da casa no bolso, o medo não ganhava mais de mim. – Riu – Já pensou? Agora eu posso viajar toda a vida. Quando o medo bater eu ganho dele e pronto. (NUNES, 2002, p.112)

Assim, Alexandre percebeu que o medo que ele sentia já não o amedrontava mais e que naquele momento ele se sentia seguro para seguir seu caminho e assim prosseguir em sua viagem cujo destino era um local rico em fantasia.

2.2 Identificação e Caracterização de Alexandre

Alexandre é um menino pobre que devido sua situação social teve que trabalhar muito cedo, tendo que abandonar os estudos, para ajudar sua família financeiramente. Diante dessa situação, ele teve sua infância perdida, uma vez que tivera que criar responsabilidades muito cedo.

Com relação a sua aparência física, foi descrita na narrativa como: “ele era mais queimado do que ela, mais alto, falava mais gostoso, tinha roupa velha e pé no chão” (NUNES, 2002, p. 16). Através de sua descrição podemos afirmar que trata-se realmente de um personagem que vive em condições difíceis.

Vendedor ambulante, o menino trabalhava diariamente vendendo alimentos na rua para ajudar no sustento de casa. Embora Alexandre vivencie essa situação, ele não lamenta, se mostra uma pessoa determinada, que procura sempre buscar o melhor para ele. Enxergando a vida sempre por esse lado, com muita determinação ele persiste e resolve ir em busca de um lugar melhor para ele.

Um menino sonhador, Alexandre mesmo com muitas dificuldades na vida não tirou dele o desejo de almejar algo melhor para sua vida, por isso, dispôs a seguir caminho em busca de algo melhor, sendo alimentado por seus sonhos. Essa busca configura-se na vida de Alexandre não somente no sentido do caminho a ser

seguido em busca de algo material, tem relação também com o caminho traçado por ele em busca de sua maturidade.

A maturidade é uma característica adquirida pelo menino a partir de decisões que tomou em seguir um trajeto em busca do desconhecido. Desse modo, a iniciativa do menino representa um ato de coragem, pois ele resolve abandonar a realidade cruel em que vivia em busca de novas experiências, evidenciando ainda a superação de seus medos.

Alexandre assume um caráter aventureiro durante toda a narrativa. Junto a outros personagens o menino vive muitas aventuras durante suas andanças. Em meio a tantas aventuras, o menino vive um estado de carência durante o início do caminho sem nenhuma ajuda: “ninguém me dava mais carona, o tempo mudou, o sol sumiu, fui ficando tão cansado que já não aguentava mais de pé” (NUNES, 2002, p.18).

2.3 A importância dos laços de amizade no crescimento do personagem

A amizade consiste na afeição entre as pessoas. Esse sentimento promove uma relação de confiança, afinidade e carinho entre os seres humanos. Em *A casa da Madrinha*, Lygia Bojunga escreve trazendo em seu enredo as relações afetivas entre Alexandre e os personagens Vera e Pavão.

A amizade entre eles surgiu do encontro pelo acaso: durante o caminho, Alexandre deparou com o bicho que também seguia em busca de algo, sua amiga Gata da Capa. Desde esse momento os dois não se separaram mais. A relação afetiva entre os dois contribuiu para que Alexandre não se sentisse tão sozinho, na companhia do Pavão ele poderia sentir-se seguro, pois sabia que naquele momento ele teria alguém para compartilhar as mesmas experiências.

Alexandre sabia que não estava mais sozinho, e que agora teria em quem confiar. O pavão trouxe consigo o estímulo para que o menino continuasse a seguir sem medo, sem pensar em desistir. Já a relação de amizade entre os dois e Vera iniciou quando faziam um show em uma cidade do interior, onde a menina morava. Os dois sempre juntos faziam shows para conseguir algo para comer. Vera é aquela amiga bondosa, que procura sempre fazer com que Alexandre e o Pavão sintam-se bem.

Os laços afetivos entre Vera e o Pavão com Alexandre assumiram um papel primordial durante o percurso à caminho para o seu amadurecimento. A amizade entre os três contribuiu para que o menino enfrentasse os seus medos com muita coragem e determinação. Os amigos de Alexandre sabiam o quão era importante para o menino encontrar a casa de sua madrinha. Juntos, eles descobrem que para encontrar o que eles almejavam era necessário enfrentar os seus medos.

2.4 O papel da escola na formação de Alexandre

A escola de um modo geral é considerada um ambiente de extrema importância na vida de um indivíduo. Esta, por sua vez, desenvolve uma função primordial de formar cidadãos para atuarem na sociedade. Além disso, a escola possui o objetivo de desenvolver as capacidades cognitivas e intelectuais do indivíduo. Nela, a educação acontece de maneira formal, onde todo o conteúdo a ser transmitido pelo educador ao aluno passa por um planejamento.

Na narrativa em análise, percebemos que Lygia Bojunga aborda algumas questões sociais que se fazem presentes no cotidiano de crianças e adolescentes e uma delas é a educação. A escola tornou-se presente na vida de Alexandre a partir da vontade de seu irmão Augusto de vê-lo matriculado em uma escola.

— O Alexandre não vai vender sorvete que nem a gente. Ele vai estudar. Vai estudar ate ficar um homem feito. Matriculou Alexandre na escola; levou ele pra aula no primeiro dia e falou: — Pronto garoto, agora bota a cuca pra funcionar. (NUNES, 2002, p.41)

E assim, Alexandre iniciou os seus estudos. Ia à escola todos os dias. Gostava de sua escola, dos colegas, de estudar. Mesmo com muita dificuldade financeira, Augusto sabia que a escola seria de extrema importância na vida de Alexandre. Naquele momento, Augusto sabia que levar Alexandre à escola no lugar de colocá-lo para trabalhar vendendo as coisas na praia iria mudar o destino dele.

Além disso, a escola proporcionou a Alexandre a obtenção de conhecimento sobre várias coisas, tanto que quando chegava a sua casa queria transmitir para o irmão tudo o que havia aprendido. A escola gerava nele um sentimento de esperança de dias melhores, de maneira que para ele os estudos significava uma forma de crescimento social. Alexandre acreditava que se persistisse com seus

estudos iria longe: “estava numa dúvida danada se ia ser medico do coração ou dos dentes; também ainda não sabia direito onde é que ia comprar apartamento, se Ipanema ou Leblon.” (NUNES, 2002, p.41)

Os sonhos de Alexandre o faziam querer estudar ainda mais. Muito aplicado, o menino aprendia os conteúdos super-rápido tanto que em pouco tempo ele imigrou para uma turma mais adiantada. “A turma tinha acabado de ganhar uma professora nova, que nunca vinha sozinha: chegava sempre com uma maleta.” (NUNES, 2002, p.42) A professora trazia consigo uma maleta e junto com ela um jeito diferente de ensinar. Isso evidencia que, a professora utilizava diversas maneiras para inovar sua metodologia de ensino.

Tinha pacote pequenininho, médio, grande, tinha pacote embrulhado em papel de seda, metido em saquinho de plástico, tinha pacote de tudo quanto é cor; não era à toa que a maleta ficava gorda daquele jeito. Só pela cor do pacote as crianças já sabiam o que iam acontecer: pacote azul era dia de inventar brincadeira de juntar menino e menina [...] (NUNES, 2002, p.42)

Todos os dias ela tinha o compromisso de trazer algo novo para compartilhar com os alunos, valorizando o diálogo e a participação de todos, o que nos possibilita dizer que seu posicionamento frente à condução do ensino se diferencia de uma tradição em que o professor expõe e os alunos devem assimilar o conteúdo transmitido, sem participar, sem interagir, sem que tenha a chance de também se posicionar.

Podemos dizer ainda que a escola acaba contribuindo para a formação do menino Alexandre na medida em que abre a possibilidade ao convívio social, garantindo-lhe ainda um distanciamento dos problemas sociais que ele enfrenta além permitir que, por um momento, o menino não fosse para a rua trabalhar a fim de ajudar a sua família com as despesas da casa.

Sobre essa questão na narrativa, Silva (2000, p. 11) observa que:

No que se refere ao binômio criança/escola, Lygia mostra que há instituições de ensino que privam seus alunos, exigindo-lhes uma atitude passiva diante dos professores e, conseqüentemente, diante da vida. Contudo, a autora aponta possibilidades nas quais a escola valoriza e até estimula o crescimento intelectual e afetivo de seus alunos.

Conforme podemos observar, a autora reconhece a crítica que Lygia Bojunga acaba fazendo ao ensino tradicional que priva o aluno de se posicionar criticamente, de opinar. Nesse tipo de ensino o aluno se limita apenas a aceitar o conteúdo, ou seja, seu posicionamento crítico não é estimulado. Mas a escritora abre espaço em sua obra para apresentar uma possível mudança nesse tipo de ensino, apresentando uma metodologia inovadora que quebra com esse modelo tradicional.

2.5 Os sentidos da viagem na construção da identidade do personagem

A viagem empreendida por Alexandre surgiu do seu desejo de conhecer a casa de sua madrinha, da qual ouviu falar através de seu irmão Augusto. Tomando conhecimento que tinha uma madrinha e que ela tinha uma casa fantástica, Alexandre decide seguir caminho ao encontro da famosa casa. O menino, que trabalhava vendendo sorvete para ajudar nas despesas de casa resolve seguir viagem após um dia inteiro de trabalho. Talvez um dos principais fatores que motivem essa viagem tenha sido sua condição social.

Durante a viagem, Alexandre vive muitas aventuras que sempre resulta em uma conquista em relação a sua maturidade, fazendo-o romper os seus limites e ir em busca de um lugar ideal, distante dos problemas sociais que o cerca. Alexandre inicia sua viagem em um plano real onde o caminho narrado pelo menino remete a uma viagem concreta.

O desejo de mudar de vida impulsiona o menino a seguir um caminho incerto e possibilita ao personagem desenvolver-se com relação a sua personalidade. Desse modo, as experiências vivenciadas ao longo do caminho contribuíram para uma mudança interior do menino, tornando-o um ser diferente daquele que ele era antes.

Podemos notar que o amadurecimento de Alexandre foi adquirido somente depois de o menino seguir um longo caminho. Em meio a isso, ele passa por muita dificuldade sozinho. Esse fato evidencia um estado de carência por parte do personagem que dura até o momento em que ele encontra o Pavão.

Alexandre amadurece a partir do momento em que encara os seus medos. No início da narrativa nos deparamos com um menino amedrontado, que faz uso da imaginação para conseguir superar tudo aquilo que lhe causa medo. E a viagem, ou

melhor, as dificuldades enfrentadas por ele colaboram para o seu amadurecimento pessoal, sua autodescoberta.

O protagonista aprende a ser forte, corajoso e a não permitir que a insegurança e seus medos o atrapalhasse a chegar à plenitude do lugar ideal. O menino permanece entusiasmado durante todo o momento, apesar de tantos desafios, ele se apresenta uma pessoa determinada para conseguir o que almeja.

No final da sua jornada, nos deparamos com um ser que se encontra passível a mudanças, em constante evolução, sem se deixar desanimar nem ser impedido pelas dificuldades que venham a surgir. Assim, o menino segue o caminho assumindo uma postura independente, dono de seus ideais, resolvendo seguir adiante. Sua busca não se limitou apenas a casa da madrinha, o menino, após o seu amadurecimento, resolve seguir caminho por toda a vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, percebemos que Alexandre empreende algumas viagens junto de seus amigos em direção à casa da madrinha. A viagem é o tema central da narrativa que tem como personagem principal Alexandre, o qual vive uma aventura marcada pelo desejo de buscar algo: *a casa da madrinha*.

De um modo geral, a análise busca identificar o sentido que a viagem assume na construção do personagem Alexandre. Assim, acreditamos que todo o percurso percorrido pelo menino em direção ao seu destino representa uma conquista em relação ao seu amadurecimento. A viagem empreendida pelo menino permitiu distanciar-lo dos problemas sociais vivenciados por ele, motivando-o a mudar de vida.

Com relação ao seu amadurecimento, a viagem representa a travessia do menino no que diz refere a sua mudança interior. O percurso contribuiu para que o menino enfrentasse seus medos, modificando-o e tornando-o forte e corajoso. Desse modo, a viagem empreendida por Alexandre contribui para sua mudança interior, uma vez que o mesmo superou suas dificuldades e se tornou uma pessoa determinada.

Esperamos que este trabalho contribua para promover uma reflexão acerca dos assuntos abordados na obra de Lygia Bojunga, especificamente na narrativa analisada. Em contato com a obra, os leitores em geral terão a oportunidade de se identificarem com a história do menino Alexandre, vivenciando seus medos, seus sonhos, bem como suas frustrações. Mas, sobretudo, poderão amadurecer com o personagem, emancipando-se.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira (org.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e Prática**. São Paulo, Ática, 1986.

CUNHA, P. C. **Apontamentos teóricos sobre literatura de viagens**. Caracol, n. 3, p. 152-173, 7 jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/57686/60741> / acesso em: 22 de maio de 2019.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Tradução: Carlos Dias. São Paulo, Summus, 1980.

NUNES, Lygia Bojunga. **A casa da madrinha**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 19 ed. 2002.

RODRIGUES, Etiene Mendes. Em busca da casa da madrinha, In. SILVA, M. Tavares; RODRIGUES, E. Mendes. **Caminhos da leitura literária: propostas e perspectivas de um encontro**. Campina Grande, Bagagem, 2009.

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luís Raul. **A Criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo, Ática, 1988. 144p.

SILVA, Maria Marlene R. **As relações sociais da criança na obra de Lygia Bojunga Nunes**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no 5. Brasília, março de 2000.

SOUZA, Renata Junqueira; GIROTTO, Cyntia G. G. Simões. A força literária de Lygia Bojunga: a materialidade e o prazer da leitura em A bolsa amarela. In. RÖSING, Tânia M. K. ; BURLAMARQUE, F. Verardi. **De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil**. Passo Fundo, ed. Universidade Passo Fundo, 2010.

TURCHI, Zaira Maria; SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.). **Literatura infanto-juvenil: leituras críticas**. Goiânia, ed. da UFG, 2002.